

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ESTADO DE MINAS GERAIS ENTRE OS ANOS DE 2017 E 2021

Bruna Xavier de Sousa¹
Ingredy Chayla Schetine Ferreira¹
Renata Aparecida Fontes²
Grazielle Brandão Coelho³

professoragraziellebrandao@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

As IST's são causadas por microrganismos, sendo os agentes etiológicos mais comuns os vírus e bactérias, e, se se apresentam como um problema de saúde pública, visto que, há uma elevada prevalência de casos, além das possíveis complicações que são consequências da ausência de diagnóstico correto e tratamento adequado. O presente estudo analisou a prevalência de casos de HIV, Hepatite B e Sífilis nos anos de 2017 a 2021 no estado de Minas Gerais disponíveis na plataforma Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde. De acordo com esses dados foi possível observar uma diminuição no número de casos, e uma maior prevalência em indivíduos do sexo masculino. Portanto, é de suma importância que sejam realizados trabalhos no que se refere a conscientização da população sobre as IST's.

PALAVRAS-CHAVE: Infecções sexualmente transmissíveis; Diagnóstico; Hepatites virais; Sífilis; AIDS.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) afetam homens e mulheres em todo o mundo (SILVA, 2020). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) todos os dias mais de um milhão de pessoas contraem uma IST,

¹ Acadêmicas do curso de Farmácia – Univértix – Centro Universitário.

² Farmacêutica e Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Ouro Preto e Professora do curso de Farmácia da Univértix – Centro Universitário

³ Acadêmica do curso de Medicina, Farmacêutica e Especialista em Docência do Ensino Superior (UNIVÉRTIX), Mestre em Ciências Farmacêuticas (UFOP). Professora da Univértix – Centro Universitário.

sendo a maioria dos casos assintomáticos, o que dificulta o diagnóstico, tratamento e prevenção (OMS, 2021).

Além de gravidezes indesejadas e por vezes até abortos, a prática sexual sem o uso adequado de preservativo tem como consequência a transmissão de IST's trazendo prejuízos na qualidade de vida (SUED, 2018).

Os agentes etiológicos mais comuns das IST's são vírus e bactérias (DOMINGUES, 2021). As maiores incidências das IST's estão associadas a oito microrganismos, e destas, quatro possuem tratamento e podem ser curáveis, são elas Sífilis, Gonorreia, Clamídia e Tricomoníase. Já a Hepatite B, o Vírus Herpes Simples (HSV ou herpes), o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e Vírus do Papiloma Humano (HPV) são infecções que não possuem cura, mas são tratáveis, tendo seus sintomas amenizados e/ou evolução retardada (SOBREIRA, ANDRADE, 2019).

As IST's apresentam-se como um problema de saúde pública, visto que, há uma elevada prevalência de casos, além das possíveis complicações que são consequências da ausência de diagnóstico correto e tratamento adequado. Contudo, existe a necessidade de realização de campanhas de conscientização para prevenção contra as IST's, bem como a ênfase na importância do tratamento para os casos positivos (DARÓS, 2020).

Sendo assim, objetiva-se com este trabalho traçar o perfil epidemiológico de Infecções Sexualmente Transmissíveis (sífilis, hepatite B e AIDS) no estado de Minas Gerais no período de 2017 a 2021. Trabalhos como estes são importantes para direcionar especificamente as ações de intervenção para a prevenção das IST's.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As IST's são definidas como doenças infecciosas e transmissíveis geralmente através do contato sexual, incluindo sexo vaginal, anal e oral com um indivíduo contaminado, sem a utilização de preservativo, mas também podem contraídas por

meios não sexuais, através de transfusões de sangue ou produtos sanguíneos, além da transmissão vertical que ocorre da mãe para o feto durante a gravidez ou parto (SOBREIRA, ANDRADE, 2019).

As ISTs são estabelecidas como um problema de saúde pública, visto que existe um número elevado de pessoas infectadas e um aumento incidente em muitos países, além de estar relacionado à saúde sexual, reprodutiva e materno-fetal (SOBREIRA, ANDRADE, 2019).

Assuntos relativos às ISTs são negligenciados perante a sociedade devido a uma relutância em discutir e direcionar essas questões, visto que a sociedade as vê como algo fora do seu cotidiano. Como resultado, houve um aumento na transmissão dessas doenças ao longo dos anos, bem como as dificuldades em tratar e orientar as pessoas sobre a gravidade das mesmas, necessitando de uma nova abordagem sobre o tema (SILVA *et al.*, 2020).

O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI) relaciona a resposta aos agravos relacionados às IST's com base em indicadores e evidências científicas e dessa forma tem apoiado estudos epidemiológicos, clínicos, biomédicos, comportamentais e psicossociais, e os resultados obtidos nesses estudos enfatizam a importância e fortalecem as políticas públicas na área (PEREIRA *et al.*, 2019).

Na maioria dos casos as IST's são assintomáticas ou apresentam sintomas leves que não conduzem a um diagnóstico preciso. Porém, ao apresentarem sintomas, as IST's possuem seu quadro clínico específico, que engloba tanto os sintomas gerais quanto os sintomas característicos de cada uma delas. Sendo importante ressaltar que algumas dessas enfermidades, como a herpes genital (HSV tipo 2) e a sífilis, podem aumentar o risco de contrair o HIV (SOBREIRA, ANDRADE, 2019).

Como estratégia de prevenção das IST's é de suma importância o conhecimento e orientação sobre as formas de transmissão, os sinais e os sintomas das mesmas (PINTO, BASSO, BARROS, GUTIERREZ, 2018), sendo assim, a

seguir serão definidos essas características das seguintes IST's: Sífilis, Hepatite B e AIDS.

A sífilis é uma patologia infecciosa sistêmica grave e de alta prevalência causada pela bactéria *Treponema pallidum*. A sua transmissão ocorre mais comumente através de contato sexual, porém existem outras formas de transmissão como transfusão de sangue, transplante de órgão, ou por transmissão congênita. A doença apresenta as fases clínica (ativa) e de latência. Existem diversas manifestações clínicas e diferentes estágios, denominadas: sífilis primária, secundária, latente e terciária (SILVEIRA, 2020; SANTOS *et al.*, 2019; DANTAS, 2017).

O período de incubação da infecção é de em média 2 a 6 semanas, e após este período, inicia-se o aparecimento dos primeiros sintomas e sinais clínicos. Inicialmente surge uma lesão primária, caracterizada por ser única, indolor, com base dura, borda elevada, fundo limpo e liso, e ainda, exulcera, denominada cancro duro, frequentemente com linfadenopatia regional, que regride sem tratamento. Posteriormente, surgem as erupções secundárias que são lesões papulares. Ao mesmo tempo, surgem lesões das membranas mucosas, as chamadas placas mucosas, ovaladas e serpiginosas. Associada a essas lesões mucocutâneas disseminadas há a linfadenopatia generalizada, que é seguida por um período de infecção subclínica que dura anos ou décadas (SILVEIRA, 2020).

É uma doença de notificação compulsória, e está classificada da seguinte maneira: sífilis adquirida (SA), sífilis congênita (SC) e sífilis gestacional (SG). É de suma importância a descoberta precoce e tratamento correto da SA, pois a mesma é responsável pelas demais formas de transmissão da doença (SANTOS *et al.*, 2019).

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS) é causada através da infecção pelo HIV, e por ser um problema de saúde pública relevante, no Brasil, desde a década de 1990 o diagnóstico e tratamento para AIDS/HIV é gratuito através do Sistema Único de Saúde (SUS). Com todos os avanços terapêuticos em relação ao diagnóstico e tratamento, a perspectiva dessa patologia evolui de doença

fatal para uma condição crônica, levando qualidade de vida aos soropositivos. O Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde (DDAHV/MS) é o responsável pelo monitoramento da evolução dos casos e se baseiam em três aspectos: infecção pelo vírus, evolução para AIDS e óbitos (GUIMARÃES, CARNEIRO, ABREU, FRANÇA, 2017; JESUS *et al.*, 2017).

As hepatites virais apresentam diversos agentes etiológicos, sendo os principais os vírus da hepatite A (HVA), vírus da hepatite B (HBV), vírus da hepatite C (HVC), vírus da hepatite D (HVD) e o vírus da hepatite E (HVE). A hepatite B é um problema de saúde mundial visto que o HBV é um vírus com alto poder de infecção (PIMENTA, DOURADO, GOMES, 2019).

Para que ocorra a infecção pelo HBV, é necessária somente uma partícula viral, inicialmente ele circula no sangue e faz sua replicação nos hepatócitos por possuir tropismo por células hepáticas. A forma de transmissão pode ser de forma vertical (da mãe para o filho no parto), por via sexual, por meio de ferimentos cutâneos, por compartilhamento de seringas e agulhas em usuários de drogas, por transfusão sanguínea ou hemoderivados e em acidentes com material biológico. A epidemiologia desta infecção é particularmente exposta em três categorias de endemicidade: alta, intermediária e baixa, conforme a proporção da população reagentes para HBsAg (PIMENTA, DOURADO, GOMES, 2019).

O principal método de profilaxia contra o HBV é a vacinação que é oferecida pelo SUS desde 1992 e que continua sendo utilizada pelos programas de vacinação nos dias atuais. A vacina se mostra eficaz na prevenção, na evolução do quadro e também auxilia na diminuição da disseminação do vírus (PIMENTA, DOURADO, GOMES, 2019).

Sabendo-se que as IST's facilitam a infecção pelo HIV, é de suma importância estratégias com informações relacionadas à prevenção das IST's para que assim se tenha uma melhor saúde sexual e conseqüentemente reduza o número de casos. Para tal é necessário que os profissionais tenham uma postura frente a esta

situação, participando diariamente e dialogando de forma adequada e clara para que assim possa favorecer o processo de entendimento (MENDES, COSTA, 2020).

METODOLOGIA

O referente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa. Na pesquisa descritiva é realizado um estudo observacional, visando à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo (NUNES; NASCIMENTO e ALENCAR, 2016). Segundo Fernandes (2018), a pesquisa quantitativa, se caracteriza pelo uso da quantificação, para se coletar e tratar as informações obtidas.

Sendo assim, foram avaliadas as ocorrências de notificações de casos de IST's - sífilis, hepatite B e AIDS - no estado de Minas Gerais entre os anos de 2017 a 2021, através dos dados epidemiológicos publicados na plataforma Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde (<http://www.aids.gov.br/>).

Foram verificadas as seguintes variáveis: tipo de IST e sexo dos positivados. Os dados obtidos serão tabulados utilizando o *Microsoft Office Excel*® e foi realizada estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por se tratar de um Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, o trabalho encontra-se em andamento e neste momento serão apresentados apenas resultados parciais.

Na Tabela 1, pode-se observar que houve uma diminuição significativa no número de casos de sífilis adquirida no ano de 2021, quando analisamos o fator sexo, percebe-se um maior número de casos em indivíduos do sexo masculino, sendo que no ano de 2019 foi registrado o maior número de casos e em 2021 o menor.

Tabela 1: Dados epidemiológicos da Sífilis adquirida em Minas Gerais no período de 2017 a 2021 (por 100.000 habitantes)

Ano	2017	2018	2019	2020	2021
Taxa de detecção (%)	51.3	68.4	71	56.6	-
Número total de Casos	10.830	14.388	15.022	12.052	6.463
Homens	7.023	8.991	9.417	7.589	4.072
Mulheres	3.803	5.383	5.597	4.462	2.386

FONTE: MS/SVS/Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. NOTAS: (1) Dados até 30/06/2021; (2) Dados preliminares para os últimos 5 anos.

Segundo Souza *et al.* (2018), com a descoberta da penicilina e a facilidade de diagnóstico e tratamento, pode-se observar uma queda no número de casos da doença, porém o número de casos vem aumentando novamente, o que se deve as práticas não seguras no sexo.

Segundo Lima *et al.* (2022), uma das razões na diminuição significativa no número de casos nos anos notificados de 2020 e 2021 pode se dar devido ao fato que esses dois anos foram os períodos de pandemia COVID-19 mais críticas, onde foram estabelecidas medidas de isolamento e distanciamento social, o que teve relação tanto com a frequência de relações sexuais quanto na redução no número de parceiros; além de que também os serviços de saúde estavam sobrecarregados com os atendimentos com os atendimentos dos pacientes da COVID-19, e com isso houve diminuição da testagem da população. Contudo, pode-se sugerir que a pandemia da COVID-19 mudou o padrão de comportamento da população, uma vez que deixaram de procurar o serviço de saúde.

O maior número de casos no sexo masculino pode ser explicado devido ao fato que existe uma menor preocupação de homens com a prevenção de gravidez, e também as questões da relação sexual entre indivíduos do sexo masculino (LIMA *et al.*, 2022).

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Maria Fernanda Cruz; O'DWYER, Gisele; FROSSARD, Vera. Tratamento antirretroviral: adesão e a influência da depressão em usuários com HIV/AIDS atendidos na atenção primária. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 148-161, jan-mar, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2018.v42n116/148-161/pt>. Acesso em: 16 ago. 2022.

DANTAS, Lívia Azevedo *et al.* Perfil epidemiológico de sífilis adquirida diagnosticada e notificada em hospital universitário materno infantil. **Enfermería Global**, [s.l.], v. 16, n.46, p. 217-245, abri, 2017.

DARÓS, Anderson Charles. **Citologia de Amostras Cervicais com Infecções Sexualmente Transmissíveis Detectadas por Multiplex Pcr**. Orientadora: Fabiana Pirani Carneiro, 2020. 89 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

DOMINGUES, Carmen Silvia Bruniera *et al.* “Protocolo Brasileiro de Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: vigilância epidemiológica”. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [s.l.], vol. 54, supl 1 e2020549, maio, 2021.

FERNANDES, Alice Munz *et al.* Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: Análise bibliométrica. **Desafio online**, Campo Grande, v. 6, n. 1, jan/abr. 2018.

GUIMARÃES, Mark Drew Crosland; CARNEIRO, Mariângela; ABREU, Daisy Maria Xavier de; FRANÇA, Barboza Elizabeth. Mortalidade por HIV/Aids no Brasil, 2000-2015: motivos para preocupação? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 20, p. 182-190, 2017.

JESUS, Giselle Juliana de *et al.* Dificuldades do viver com HIV/Aids: Entraves na qualidade de vida. **Acta Paulista de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 30, n. 3, p. 301-307, 2017.

LIMA, Haroldo Dutra *et al.* O impacto da pandemia da Covid-19 na incidência de sífilis adquirida no Brasil, em Minas Gerais e em Belo Horizonte. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.], v. 15, n. 8, p. e10874-e10874, ago. 2022.

MENDES, Sólton Ferreira Araújo. **Estratégia educativa sobre saúde sexual e prevenção de IST/DST**. Orientador: Karla Lais Ribeiro da Costa, 2020. 14 f. Monografia (Graduação em Medicina) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2020. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/19785>. Acesso em: 09 jun. 2022.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; DE ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho. Pesquisa científica: conceitos básicos. **Id on Line Revista de Psicologia**, [s.l.], v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Infecções sexualmente transmissíveis**. Brasil, 22 nov. 2021. Disponível em: [https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis)). Acesso em: 25 mar. 2022.

PENNA, Maria Lucia Fernandes *et al.* Influência do aumento do acesso à atenção básica no comportamento da taxa de detecção de hanseníase de 1980 a 2006. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [s.l.], v. 41, p. 6-10, 2008.

PEREIRA, Gerson Fernando Mendes *et al.* HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Brasília, v. 22, p. e190001, set. 2019.

PIMENTA, Milenne Marques Kosin Gamarra; DOURADO, Natália Ribeiro; GOMES, Sandra Rosa Lima. Hepatite B: distribuição epidemiológica no estado de Rondônia no período de 2008 a 2017. **Revista Saber Científico**, Porto Velho, v. 8, n. 1, p. 41-49, jan/jun, 2019.

PINTO, Valdir Monteiro; BASSO, Caritas Relva; BARROS, Claudia Renata dos Santos; GUTIERREZ, Eliana Battaggia. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 23, p. 2423-2432, jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wwgnzLKCKqD4pbtcJ4B76td/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SANTOS, Ana Caroline Silva; MORAIS, Maria Tereza Magalhães. Perfil epidemiológico e sociodemográfico dos portadores de Hepatite B de um município do sudoeste baiano. **Revista Saúde. Com**, v. 14, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/3307/2757>. Acesso em: 15 ago. 2022

SANTOS, Shayane Bezerra dos *et al.* Sífilis adquirida: construção e validação de tecnologia educativa para adolescentes. **Journal of human growth and development**, [s./l.], v. 29, n. 1, p. 65-74, 2019.

SILVA, Mateus Sallys Oliveira *et al.* Dificuldades em se realizar ações de prevenção e diagnóstico sobre a percepção de infecções sexualmente transmissíveis (IST'S): Relato de experiência. **Brazilian Journal of health Review**. Curitiba, v. 3, n. 5, p. 13589-13595, set/out. 2020.

SILVEIRA, Silvestre J.S; SILVA, José Queiroz de Deus e; DAMIANI, Ray Fernando. Análise dos casos de sífilis adquirida nos anos de 2010-2017: um contexto nacional e regional. **Brazilian Journal of Development**, [s./l.], v.6, n.5, p. 32496-32515, 2020.

SOBREIRA, Miguel Ângelo Pereira. **Melhoria do acesso a portadores de Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Fabrícia Castelo Branco de Andrade, 2019. 18 f. Monografia, (Especializando em Saúde da Família e Comunidade) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2019. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/12224>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SOUZA, Bárbara Soares de Oliveira; RODRIGUES, Raquel Miguel; GOMES, Raquel Maciel de Lima. Análise epidemiológica de casos notificados de sífilis. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 2, p. 94-98, 2018. Disponível em: <http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/339>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SOUZA, Fernanda de Oliveira; FREITAS, Paloma de Sousa Pinho; ARAUJO, Tânia Maria de; GOMES, Mariana Rabelo. Vacinação contra hepatite B e Anti-HBS entre trabalhadores da saúde. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 172-179, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/J84SxFVHjYyXgJsdDBtzcw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SUED, Sheila Sarmento. **Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis no ensino fundamental**. Orientador: João Batista Teixeira da Rocha, 2018. 78 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.